2.° Anno — Lisboa, 10 de Maio de 1886 — Numero 43

A Illustração Portugueza

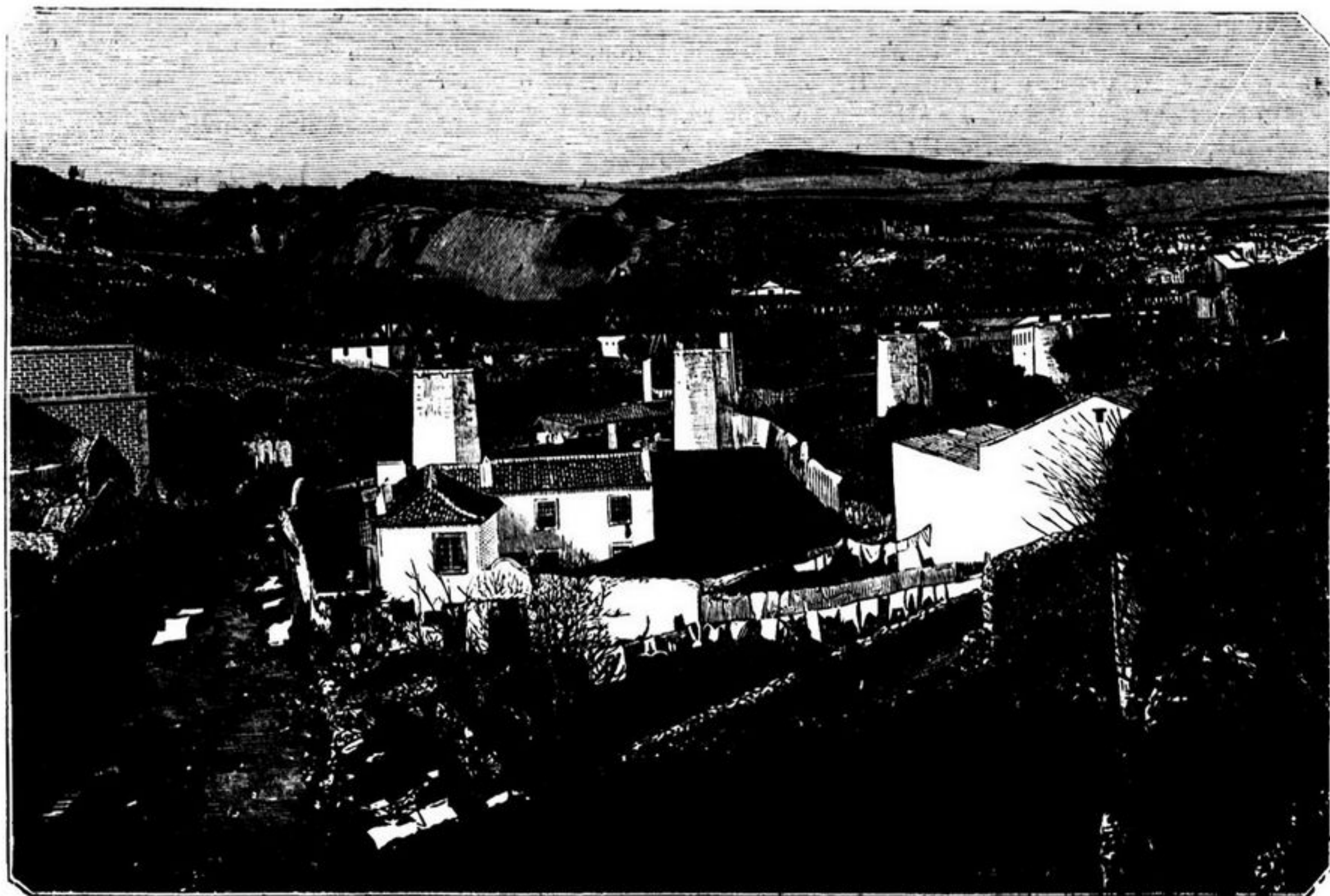
Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha, Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. Dantas. —*Recordações d'um jornalista*, por Pinheiro Chagas.—*Historia triste*, conto, por Magalhães Fonseca. —*Ceguira*, versos, por Eça de Almeida.—*Batalhas da vida*, por D. Guiomar Torrezão.—*Contos da rua*, conto, por Lorjó Tavares.—*No banho*, versos, por João Saraiva.—*Idyllio...*, conto, por M. Osorio.—*As nossas gravuras*.—*Em familia* (*Passatempos*).—*A rir*.—*Um conselho por semana* —*O Espirito Santo nos Açores*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*A ponte de Sant'Anna*.—*Mercae!*—*Que perfeição!...* —*Ponte sobre uma cachoeira no rio Amazonas*.—*As primeiras lições*

A PONTE DE SANT'ANNA

CHRONICA

Disse eu, no final da minha ultima Chronica, que a semana ficára assignalada, entre outros acontecimentos mais ou menos importantes, pela famosa carta do sr. Luiz Augusto Palmeirim. E' claro que o ficou, tambem, pelo celebre melodrama patriotico do sr. Miguel Osorio, mas houve uma grandissima differença entre a peça do illustre procere e a epistola do distincto director do Conservatorio.

A primeira produzio em nós, e cremos que em todos os mais enthusiasticos patriotas lusitanos, o effeito de um anesthesico violento. Ouvil-a e cair n'uma rapozeira profunda, foi obra de dois segundos, o tempo preciso para deixar pender a cabeça estonteada sobre o hombro esquerdo do visinho do lado.

A segunda, essa pode comparar-se a um gaz hilariante, nos effeitos que determinou. Foi como que uma cocega providencial a despertar-nos da soneca dormida sobre o monstruoso parto do sr. Osorio, mas uma cocega d'aquellas que desafiam gargalhadas ao proprio sr. Hintze Ribeiro e que teem o perigo de fazer estoirar a rir a parte mais sorumbatica e merencoria da humanidade.

Não nos permitte o espaço que transcrevamos o graciosissimo documento, mas tentaremos de passagem esboçar a historia do inaudito caso que o provocou.

Foi incumbida ao sr. Palmeirim, pela Commissão Central 1.º de dezembro de 1640, a honrosa tarefa de compendiar n'um opusculo commemorativo varios artigos allusivos á Restauração de Portugal. Não se lhe marcou plano definido, cremos nós, e todos fiaram de que s. excellencia, com o seu reconhecido saber em assumptos d'aquella indole, se sahiria, como de facto se sahiu, brilhantemente da empreza.

Teve o illustre escriptor, a auxilial-o no valioso trabalho, os srs. Alberto Pimentel, André Meyrelles do Canto e Castro, Cunha Bellem, D. Antonio da Costa, general Mello Breyner, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Brito Aranha, conde de Villa Franca, Eduardo Vidal, Garcia Diniz, Vilhena Barbosa, Brito Rebello, Ferreira Lobo, Sousa Monteiro, José Silvestre Ribeiro, Julio Machado, Luciano Cordeiro, Bulhão Pato, Ramos Coelho, viscondes de Benalcanfor, de Castilho e de Sanches de Baena, Zeferino Brandão, Caetano Alberto, Manuel de Macedo, e o humilissimo signatario d'esta Chronica, entre todos o unico auxiliar incompetente, por certo, convidado a collaborar na parte litteraria da obra.

Entregue a mãos tão habeis, o curioso opusculo ficou feito, muito antes de que se ultimasse o monumento de pedra e bronze aos Restauradores, devendo dizer-se, para honra do sr. Palmeirim e de todos os seus camaradas, que a prosa e o verso do folheto historico não tinham as mesmas propriedades soporificas do verso e da prosa do melodrama representado em D. Maria. Nunca vimos historia mais facil de digerir, nem litteratura menos sopitante do que aquella, excluindo a da nossa lavra, é claro. Um verdadeiro palmito, o livro consagrado á Restauração, mas palmito sem flores murchas, nem dormideiras de hervanario réles.

Chegado o dia da festa patriotica, um dia, por signal, muito triste, muito chuvoso e muito soturno, tão soturno como o dramalhão do sr. Miguel Osorio, de narcotica memoria, esperava toda a gente culta da nossa terra que a commemoração do grandioso acontecimento não se reduzisse apenas ao desvendar do obelisco marmoreo, ao estrondear das girandolas importunas e ao clangor estrugente das fanfarras marciaes. Aguardava-se com vivo interesse a apparição do opusculo, mandado imprimir á custa do Estado. Preadivinhando que haviam de dormir á noite, a somno solto, no theatro do Rocio, todos queriam levar comsigo um exemplar do folheto, em guisa de frasquinho de saes. Baldado desejo aquelle, e vã espectativa. A rapozeira era inevitavel. Por mais que se esperasse, o folheto não appareceu. A *Commissão 1.º de Dezembro de 1640*, que tem por membro o sr. Miguel Osorio, sustentaculo e esperança da patria, mandára inquisitorialmente recolher toda a edição da obra, condemnando-a ao limbo e envolvendo-a nas profanidades asquerosas apontadas no seu *indice expurgatorio*.

Porquê? Vamos dizel-o.

O sr. Palmeirim — *horresco referens!* — baseando-se n'umas noticias historicas datadas de 1641 e attribuidas ao padre Nicolau da Maia, escriptor de boa nota, tivera o *inaudito arrojo* de escrever, no opusculo condemnado, que o numero dos restauradores da nossa nacionalidade perdida excedeu muito áquelle que anda na tradição, e que os colleccionadores indigenas de velharias bolorentas teem perfilhado sem a menor sombra de criterio.

Foi esta a primeira pedra de escandalo arremessada pelo sr. Palmeirim á prosapia dos patriotas da *Commissão 1.º de dezembro*. Mas houve ainda outra, e essa deixou-os furiosos, indignados, presos d'uma raiva felina, que determinou logo, *in continenti*, a excommunhão do artigo e a condemnação do folheto. O distincto escriptor, fundando-se em argumentos de bom quilate, negou, d'uma forma a não deixar duvidas, que os conjurados de 1640, com o legista João Pinto Ribeiro á sua frente, se houvessem reunido no palacio dos condes de Almada; e registrando desassombradamente esta negativa, recusou mais áquelle palacio, tal qual hoje existe, as honras de edificio historico conferidas pela tradição, por isso que o primitivo palacio fôra arrasado pelo terremoto de 1755.

Ora heis ahi estão, em breves traços, os porquês do acto inquisitorial da *Primeiro de dezembro*, que roubou ao paiz um repositorio curiosissimo de bellos artigos limpos de patranhas e lendas rançosas, mas que nos deu, em compensação, a preciosissima carta do sr. Palmeirim, o maior successo da penultima semana.

Acorrentado á promessa que te fizera d'esta narrativa, por signal já um pouco serodia, não posso, como vês, fallar-te da primeira tourada e da ultima noite de S. Carlos; da companhia franceza que se partio sem deixar saudades, e que só agradou ao Schurmann; da despedida dos funambulos do Colyseo; da campanha dos palanques da Avenida entre o governo e a Camara municipal; do julgamento da Marinha Corrêa, e da procissão da Saude, em que as nossas bandas regimentaes se exhibiram, este anno, fardadas de novo, com uniformes espaventosos e garridos.

Falta-me o espaço para tudo isso, até para te dizer que já tivemos o primeiro dia de verão, o primeiro dia de verdadeiro sol e de verdadeiro calor, d'aquelles que nos provocam saudades do campo e dos arvoredos, que despertam em nós um desejo intenso de horisontes mais largos, uma ancia enorme de ares puros e de liberdade completa, uma tendencia irresistivel para caminhar por montes e valles, até ao fim do mundo ou... mais longe ainda, de chapeu de feltro amolgado e *veston* de flanella, muito ligeiro e muito largo...

Mas tu, leitora amiga, déste já pela vinda do estio risonho, e não careces de que eu te apresente o sol.

C. Dantas.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

REVISTA DO SECULO

Já que fallámos em jornaes fallecidos, fallemos tambem em dois que foram lançados pelo editor da *Illustração Portugueza*, o meu presado amigo Pedro Correia da Silva.

Não lhe costumam as publicações morrer nas mãos, porque é difficil encontrar editor tão intelligente, e que perceba tão bem o gosto do publico. E' pasmosa a quantidade de idéas fecundas que elle tem tido, e extraordinario o movimento que elle imprime ao nosso pesado mecanismo litterario.

Homem da sociedade e tendo passado a sua juventude aventurosa e elegante no meio social mais levantado, apparecendo em todos os bailes, cortejando todas as mulheres, e convivendo com todos os rapazes do seu tempo, um bello dia deliberou-se a trabalhar seriamente e a emprehender a sua carreira de editor.

Lançou a *Bibliotheca dos dois Mundos*.

Simples collecção de romances traduzidos, a *Bibliotheca dos dois Mundos* deveu o seu primeiro exito á personalidade do seu editor. Todos os seus amigos quizeram ser seus assignantes, e nunca houve por conseguinte mais formidavel lista.

Mas os assignantes de sympathia fogem no fim do primeiro anno, e Pedro Correia bem o sabia. Por isso viu logo que era indispensavel inventar alguma coisa nova. Não hesitou, e inventou Ponson du Terrail.

Pedro Correia era um leitor intelligente. Deliciára-se com os finos romances de Alphonse Karr; um dia porém pegou n'um romance de Ponson du Terrail, e achou-o idiota. Pensou porém que esta sociedade avida, que já não era capaz de se interessar pelas aventuras cavalheirescas dos heroes de Dumas, ou pela sentimentalidade ardente dos heroes de Eugenio Sue, devia seguir com anciedade as aventuras de um patife que não perseguisse em toda a sua vida senão o oiro. O d'Artagnan da sociedade moderna encontrou-o Pedro Correia no Rocambole, e tratou de o entregar á avida curiosidade dos leitores portuguezes.

O successo foi extraordinario. Com que anciedade seguiam as leitoras as aventuras de Rocambole, os valetes de copas, a Baccarat e o Grão de Sal! Os assignantes assaltavam de dia e de noite o escriptorio, e Pedro Correia esfregava as mãos de contente por dois motivos: 1.º por ter encontrado esta mina, 2.º por nunca ter lido senão meio volume de Ponson du Terrail.

D'essa tambem eu me gabo.

Um dia, surprehendido por esta immensa voga de Ponson du Terrail, quiz conhecer o novo Dumas.

Peguei na *Herança mysteriosa*, levei-a para casa á noite e fui lêl-a.

Abri, avido de curiosidade, o primeiro volume, e passei a noite sobre a *Herança mysteriosa*... a dormir.

A' vigesima pagina estava por tal forma saturado, que me veio salvar do tedio um somno reparador.

E o que me inspirava esse tedio não eram as asneiras já hoje legendarias de Ponson du Terrail, como as seguintes. «Nós outros, homens da idade media—Enlaçou-o com os seus braços de serpente—Ah! disse elle em hespanhol, e outras ainda que inspiravam tão doce alegria a Paulo de Saint-Victor.

Não, o que achei, sobretudo, foi uma chateza extraordinaria nos personagens, nas peripecias, no enredo. Não havia nada que me interessasse. Que me importava a mim aquella parte de policia em oitenta volumes?

Mas o publico sim, esse gostou immenso. Pedro Correia fez tiragem maior, e teve de fazer segunda edição, que supponho esgotada.

Explorára, como era o seu direito de editor, a imbecilidade publica. Tinha de se vingar, com o successo immenso d'aquelles livros idiotas, dos livros encantadores que elle editou muitas vezes por amor da arte e que lhe ficaram pejando as estantes.

Um bello dia teve outra idéa admiravel, a da illustração popular, e fundou o *Diario Illustrado*, que está vivo e florescente. Do *Diario Illustrado* nasceu o *Correio da Europa*, e como idéa associada veiu emfim a *Illustração Portugueza*.

Como é que Pedro Correia não está hoje millionario, tendo tido uma serie de admiraveis idéas, idéas praticas e fecundas, cujo acerto veiu o resultado amplamente justificar?

Hei-de talvez contal-o um dia, porque Pedro Correia é uma das mais curiosas, das mais sympathicas e das mais caracteristicas physionomias do nosso tempo; hei-de contal-o um dia, porque é uma historia honrosissima para este meu bom e prezadissimo amigo, historia que poucos poderão contar como eu posso, eu que o encontrei no alvorecer da minha vida litteraria, que o acompanhei em todos os seus escriptorios e em todas as suas publicações, que lhe traduzi um dos primeiros romances da sua *Bibliotheca dos dois mundos*, o *Bossu*, e que estou agora escrevendo este artigo na mais recente das suas publicações—a *Illustração Portugueza.*

Poucos poderão contar como eu a historia d'essa sementeira prodigiosa de idéas, que tem dado sempre grandissimo resultado para os outros, e d'essa extraordinaria sementeira de beneficios, que tem dado a Pedro Correia uma ampla colheita de ingratos.

Mas não o hei-de contar n'um jornal que elle edita, porque não quero tambem que o leitor, que ignora os laços verdadeiramente fraternaes que me ligam a Pedro Correia, imagine que estou, n'estes cumprimentos, de accordo com o editor, que ha-de lêr este artigo, já de certo depois do assignante o haver lido.

Mas aqui o meu fim é outro. O que eu venho contar d'este triumphador, visto que fallo de jornaes fallecidos, são os seus *fiascos*.

Os jornaes que elle lançou, e que morreram depois de curta existencia, foram a *Revista do Seculo* e o *Aljubarrota*.

Do *fiasco* da *Revista do Seculo* não tem responsabilidade alguma Pedro Correia. Foi por amizade a Osorio de Vasconcellos que elle lançou esse jornal, que Osorio e o sr. Candido de Moraes quizeram fundar.

O periodico resentia-se da hesitação e da falta de capitaes dos fundadores.

Era pequeno de mais para uma revista quinzenal ou mensal, e encontrou poucos assignantes.

Tinha um caracter meio scientifico e meio litterario, de forma que a sciencia prejudicava a litteratura e a litteratura a sciencia.

Alli publicou uns primeiros versos nebulosos, que mal faziam presentir o brilhante humorista que veio a ser Guilherme de Azevedo, alli sairam uns contos de Osorio de Vasconcellos, alli saio um romancito meu, intitulado a *Varanda de Julieta*.

E a proposito da *Varanda de Julieta*, uma pequena anedocta pessoal, que não deixa de ter a sua graça.

Houve uma occasião em Lisboa, em que um escriptor nosso, ferido por uma accusação de plagiato, quiz vingar-se demonstrando que todos os seus confrades eram plagiarios.

Já se atirára a uns poucos, e um dia conversava eu n'uma roda de *amigos* a esse respeito, e disse rindo:

—Mal imagina F. que me apanhava n'um plagiato flagrante sem eu me poder defender. E' no volume intitulado *Varanda de Julieta*. Um dos contos que o constituem é imitado do francez. Estava eu nas Caldas da Rainha quando revi as provas, e nas provas fiz a declaração em nota de que o romancinho, que escrevera á ultima hora, era imitado do francez, mas os graneis creio que se estraviaram, o que é certo é que appareceu no volume, com grande surpreza minha, o romance referido, sem a nota que eu mandára.

Se F. me accusar, eu defendo-me com uma carta do editor, com explicações minhas, mas o effeito fica produzido e o publico em duvida.

Dias depois soube que *F.* andava a dizer por toda a parte que eu plagiara a *Varanda de Julieta*.

Não o chegou a pôr em letra redonda, porque lhe havia de ser difficil encontrar as provas.

Que fôra um dos meus *amigos* quem me denunciaria, percebia-se pelo engano em que *F.* caira e que resultara da minha confidencia inmpleta.

Mattos Moreira publicara-me em volume uns poucos de contos, que já tinham saido em jornaes, subordinados todos, como se faz muitas vezes com livros francezes, ao titulo do primeiro, que era a *Varanda de Julieta*.

Na vespera de eu partir para as Caldas avisara-me de que os contos que eu lhe mandára não perfaziam o volume, e pedia-me outro.

Sem tempo agora já de pensar n'um conto original, agarrei n'um conto de madame Charles Reybaud, que apparecera na *Revista dos dois mundos*, intitulado *Comment une tante Isabelle resta fille* dei-lhe o titulo de ***Romance da tia Izabel***, passei a acção para Portugal, e mandei-o.

A preoccupação da jornada sente-se até em ter eu collocado a acção do romance nas Caldas da Rainha.

Foi nas provas d'este romancinho que eu fiz a declaração, que depois escapou no romance, collocando-me assim n'uma situação falsissima.

Na roda de *amigos*, a que eu contara a historia, fallára n'um dos contos da *Varanda de Julieta*, mas não lhe citára o titulo.

O meu solicito ouvinte fôra logo dizer a F. que a *Varanda de Julieta* era um plagiato, e F. repetio-o, sem o poder publicar, porque tinha de inserir as provas, e isso é que lhe era difficil encontrar, porque a *Varanda* saira completamente do meu bestunto.

Muito ri eu com a denuncia desastrada do meu benevolo amigo.

Já lá vão uns poucos de annos, mas a declaração ahi fica.

Reparo agora que só tive tempo de fallar n'um dos *fiascos* de Pedro Correia. A narrativa do outro fica para o proximo artigo.

PINHEIRO CHAGAS.

HISTORIA TRISTE

Como ella ainda por esse tempo andasse d'amores com o filho do morgado, um esturdio elegante, que um dia apparecera no sitio em cata d'aventuras bucolicas—as linguareiras d'officio

cravavam-lhe na reputação, com a mais encarniçada furia, as settas hervadas da maledicencia, isto com applauso geral de todos aquelles a quem os desdens da formosa rapariga haviam provocado o mais cordeal despeito.

E a maledicencia, d'esta vez, tinha, a justificarem-na, umas entrevistas mysteriosamente celebradas entre os dois amantes, pela calada da noite, n'um bosquesito de choupos copados, por entre cuja ramaria a lua apenas penetrava a custo...

*

A Gertrudes—uma guapa moçoila na plenitude de uma primavera ridente, expandindo-se na frescura de uns dezoito annos floridos e viçosos, era filha de uns lavradores de pequeno trato, possuidores apenas de umas magras geiras de terra, que amanhavam á custa de laboriosas canceiras. Comtudo, não obstante, a humildade da sua origem, ella acariciava na mente uns sonhos de ambição que a seduziam, e por esse motivo não se sentia attrahida para nenhum dos pretendentes de condição egual á sua, que á porfia a requestavam, com os olhos absortos em desejos voluptuosos, cujos ardores as perfeições plasticas da rapariga estimulavam. A todos achava tôscos, boçaes, desastrados e estupidos.

Desvairava-a uma ambição insoffrida, tentava-a um ideal insensato, e dentro d'ella havia como que uma voz intima a segredar-lhe delicadas ternuras, volupias infinitas nos braços de um rapaz elegante, rico e distincto.

Era uma tendencia nativa e fatal que a arrastava para o *coquettismo*, que afinal de contas tanto se abriga nos campos como nas grandes cidades, tanto se desenvolve sob o tecto colmado das choupanas humildes, como debaixo dos baldaquinos doirados dos grandes palacios ostentosos.

Ha organisações assim. Se á pobre e inculta rapariga tivessem ensinado alguma coisa d'essas engenhosas concepções da mythologia pagã, muitas das quaes encerram proveitosos ensinamentos, talvez a houvesse detido no pendor do seu desvario, a reminiscencia d'aquella fabula de Icaro, despenhado das alturas incommensuraveis a que se librara attrahido por uma louca aspiração...

*

O desenlace dos amores da Gertrudinhas com o filho do morgado não podia ser duvidoso. Succedeu o que em taes casos costuma sempre succeder. Um dia, o enamorado *dandy*, que a principio transudava paixão por todos os póros, começou a sentir-se cançado da monotonia d'aquelle idyllio campesino e dos requebros apaixonados da gentil aldeã. Como consequencia, as entrevistas tornaram-se pouco a pouco menos frequentes, até que emfim cessaram de todo; e a desditosa, ferida tão descaroadamente pela perfidia d'aquelle rapaz, que lhe despertara a mais vertiginosa paixão, porque n'elle vira a realisação do seu famoso ideal, reconheceu então toda a profundesa do abysmo em que a precipitara a insensatez das suas ambições. Essa perfidia vinha-lhe matar de golpe todas as suas esperanças.

D'ahi em diante entrou a andar melancholica, cabisbaixa, como que absorta em negros pensamentos. Conjunctamente com o rosado das faces desapparecera-lhe a soberba altivez de outros tempos; já não parecia a mesma, e mais de uma vez foram dar com ella sentada á beira dos caminhos, o rosto occulto entre as mãos, o peito arquejando e os olhos inundados de pranto.

O que, porém, a desesperava mais não era a traição do amante, que a seduzira com falsas promessas de um amor eterno, era aquelle abandono que ella não podia occultar, e que a feria no seu orgulho, humilhando-a e desprestigiando-a aos olhos de toda a gente...

*

Foi decorrendo assim o tempo, dias e dias que se succediam para ella, longos, interminaveis, dolorosos, cheios de uma grande anciedade, de uma cruel incerteza no porvir...

Afinal, um dia chegou em que sentiu que ia ser mãe. Era o ultimo golpe, que bem dolorosamente lhe annunciavam já os crueis soffrimentos precursores da maternidade. A creança que dentro em pouco ia dar á luz, seria uma testemunha implacavel, denunciando, aos primeiros vagidos que soltasse, a sua vergonha, que até alli ella tentara occultar, soccorrendo-se de mil artificios.

Assaltou-a então um mortal desespero. Desvairada, completamente fóra de si, sahiu de casa, e foi se sem destino pelos campos fóra. Attrahia-a a ideia do suicidio. N'aquella situação, a morte ser-lhe-hia um refugio consolador; mas faltava-lhe a coragem, e depois, morrer tão nova, tão cheia de encantos que a tornavam querida e desejada, era realmente triste, profundamente triste...

Debatendo-se n'esta angustiosa lucta moral, e ao mesmo tempo vergada aos soffrimentos physicos, foi cahir extenuada á sombra das arvores copadas do mesmo bosquesito que fôra theatro dos seus infortunados amores. Era n'um dia de primavera, sereno e tepido como um leito nupcial. O aspecto da paizagem circumjacente, banhada nas ondas luminosas do sol, tinha um esplendor tão captivante que despertaria na alma menos impressionavel uma vaga adoração pantheista; só para ella, que a via atravez das lagrimas d'angustia que lhe marejavam os olhos apresentava uns tons funebres e luctuosos, que ainda mais lhe sobre excitavam o espirito allucinado.

Soffria muito. Completamente desamparada de soccorros, suffocando com a maior coragem os gritos que as dôres lhe arrancavam, foi ahi que ella deu á luz o desgraçado ente que gerára no seio, e a quem serviu de berço a relva ainda humida do orvalho da madrugada, e semeada aqui e ali de clematites brancas, de vermelhas papoulas e das roxas e modestas violetas. Ficou-se então a contemplal-o, absorta, com o espirito completamente paralysado ;e ao ver o filho n'aquelle leito de verdura e de flores, pareceu-lhe que o innocente lhe sorria, como sorria o menino Jesus, que ella tantas vezes vira, na egreja do logar, nos braços da virgem Nossa Senhora, ou então no seu presepe humilde, cercado de adorações, n'aquella poetica noite do Natal.

O sol escondeu-se; veiu a noite, e a infeliz, sem se mover, persistia na sua muda contemplação, n'aquelle logar que regara com o sangue das suas entranhas, junto da creancita a quem dera o ser. Atravez dos ramos copados das arvores, que se desenhavam no chão em sombras alongadas e tumultuosas, o luar coava a sua luz doce, de uma pallidez triste. Ella então, tomada de subito de uma d'essas ardentes allucinações da febre puerperal, levantou-se e fitou o ceu, onde myriades de estrellas palpitavam, como se fossem olhos de fogo pestanejantes. E atravez da claridade rarefeita e vaga que se diffundia na atmosphera, julgou ver a creança erguer-se do improvisado berço, e librar-se nos espaços constellados, sorrindo-lhe sempre, como lhe sorria o Menino Jesus, que tantas vezes vira na egreja do logar, nos braços da Virgem Nossa Senhora, ou então no seu presepe humilde, cercado de adorações, n'aquella poetica noite do Natal...

*

Quando em casa, sobresaltados com a demora, os paes a foram procurar, foi assim que a encontraram, murmurando com um accento de voz cavo e doloroso, palavras incoherentes e desconnexas.

A desgraçada estava louca, e a seus pés jazia inanimada a pobre creancita.

MAGALHÃES FONSECA.

CEGUEIRA

I

Dizem que eu sou vidente, e eu creio que assim é:
Desde que soffro tanto, ha na minh'alma até
Como que um livro aberto, um livro aonde eu leio
As verdades do Bem, e eu tanto n'ellas creio
E eu tanto sinto e prezo essas verdades sãs.
Que, assim que me levanto, eu todas as manhãs
Procuro lêr no livro, onde a minh'alma chora,
Aquellas orações que minha Mãe outr'ora
Me ensinava tambem, quando eu me levantava.
N'esse tempo, creança, esta alma não chorava!
Mas desde que eu perdi a minha santa Mãe,
Essa grande ventura ideal que todos tem
Essa intima alegria, essa alegria immensa,
Fugiu com ella e foi... foi como que suspensa
Nas azas divinaes ou nas dobras do manto
Da minha santa Mãe que eu adorava tanto!...
Desde esse tempo então que a minha alma escura
Caminha n'este mundo, ás cegas, á procura
D'outro pharol egual, que eu nunca hei de encontrar!
Nunca, nunca por certo: eu julguei mesmo achar
Esse pharol um dia em teu olhar celeste,
Mas tu o coração a outro homem deste,
E eu fiquei, novamente, ás cegas n'este mundo!
Pois bem, sobre este mar vastissimo e profundo
—O mar da minha vida, um mar sem outro egual,—
Que levanta p'ra o céu as vagas de crystal,
Rugindo imprecações, q'rendo bater em Deus.
Sustenta-se uma barca, e eu juro á luz dos céus,
Visto que a barca é a ultima esperança,
Combater contra o mar até vir a bonança...
Não me julgues, querida, espirito cobarde:
No meu peito de bronze uma fogueira arde
Que só a morte um dia ha de extinguir depressa.
Sentia-se dentro em mim ao vêr essa cabeça
Tão linda e tão gentil... a minha alma inteira,
E' quem sustenta o fogo:—é a lenha da fogueira!
Por isso, ó minha rosa immaculada e fria,
Já vês que emquanto houver na floresta sombria,
—N'esta floresta immensa e virgem do meu peito,—
Um cêdro secular á tempestade affeito,
Isto é alguma só das minhas pulsações,
E as arvores ideaes das minhas illusões,
Tem a fogueira lenha, e a fogueira ha de arder,
Se não arder então deixei eu de viver!

MERCAE!

Por isso é que se alguem olha para nós dois,
Vendo-me triste e só, pensa um pouco, e depois
Ao vêr de lucto assim, tendo tão pouca fé,
Diz-me que sou vidente, e eu creio que assim é...

II

Escuta, pois, creança, a minha prophecia:
Trocaste-me sem dó; tu preferiste um dia
A riqueza, a vaidade, a estupidez, o Mal,
Ao meu amor eterno, ao meu amor ideal,
Que eu só te dava a ti:—Has de soffrer por força!
Foge, foge, creança, a rapidez da corça
Talvez te não salvasse; elle é p'ra ti o abysmo!
Estorças muito embora em doido paroxismo
As mãosinhas gentis, essas mãosinhas brancas,
Não enxugas depois, não paras, não estancas
As lagrimas de dôr que has de chorar então.
Desgraçada de ti! E' triste a decepção
Quando não tem remedio o mal em que se cáe,
E a tua alma de luz vae-se afundando, váe!
Foge, pois, minha pomba, emquanto é tempo, foge!
Abre as azas e vôa! A minha alma hoje
Póde ser para ti a luz da redempção...
Vem abrigar-te em mim; n'este meu coração
Cheio de viço e ardor, tu tens sempre um altar:
A tua imagem pura assim como o luar
E' o deus do sanctuario! Olha, creança, escuta:
N'esta lucta sem fim, n'esta constante lucta
Em que eu quero salvar-te e tu queres cahir,
Responde, minha flôr: não gostas de sentir
No meu olhar de fogo esta alma que delira,
Enroscar-se ao teu corpo em luminosa espira,
Ficando assim depois como que a supplicar
A esmola d'esse amor, a esmola d'esse olhar?
Não gostas, não, bem sei! Detestas-me e eu adoro-te!
Eu sei que vaes soffrer, eu sei! por isso, choro-te
Como choro a desgraça infinda, illimitada
Da creança que foi de noite abandonada,
E do lirio, que sendo immaculado e puro,
Vem a cahir por fim na lama do monturo...
Eu amava-te muito, amava-te muitissimo!
A luz do teu olhar, do teu olhar suavissimo,
Inundou-me a alma, toda assim como o luar
Inunda a vastidão tristissima do mar
N'uma noite de estio embalsamada e calma...
Deixaste-me, e eu senti esphacelar-se a alma!
E então esse futuro esplendido, radiante,
Que eu julgára encontrar, cahiu no mesmo instante
Como cae uma flôr d'um calice partido...
Desde esse tempo então que eu vivo só, perdido,
Sem cousa alguma, emfim, p'ra me servir de regra
N'esta vida sem luz, tempestuosa e negra,
Tão negra como é negra a côr do teu cabello!...
Mas que serve eu chorar, ó coração de gelo?
De que serve eu chorar, se a nada te commoves
Mesmo que eu te beijasse os pequeninos pés?!
Surda que me não ouves!...
Cega que me não vês!...

Lisboa - 1886. EÇA DE ALMEIDA.

BATALHAS DA VIDA

(ROMANCE EM PREPARAÇÃO)

VI

O inverno, com as suas largas exigencias de ostentação, trouxera á loja do Teixeira um numero de encommendas, verdadeiramente estonteador.

Aurelia tinha invectivas amargas, furores concentrados que a devoravam toda, cobrindo lhe a cara magra de uma pallidez biliosa, com depressões nos angulos que se alastravam em manchas lividas. Os serões prolongavam-se até á meia noite. O Teixeira superitendia infatigavel no aspero conflicto do trabalho, na avidez inquieta de aproveitar a crise, a febre de luxo que attraía as mulheres palpitantes, fascinadas, rendidas á seducção tantalica da *montre*, exhibindo, em uma apotheose triumphal, a moderna divindade, a Moda.

A' meia noite, Aurelia, revestindo o sibillino aspecto da pythonisa invocando os augurios, subia a escada de thesoura e dispunha a *mise-en-scéne* do mostrador. As costureiras acabavam á pressa os vestidos que penduravam no tabernaculo, enfiados nos manequins.

Aurelia, com as suas mãos amarellas e molles de anemica, com o seu olhar sagaz de mulher sedenta de aventuras, com o seu vago instincto de garrida, achava sem difficuldade o effeito seguro, a nota provocante, a flecha capaz de ferir o alvo, esgotando os *porte-monnaies*.

Os velludos, os setins, as rendas, as flores, as franjas, executavam sob os seus dedos toda a estridente symphonia da côr, matizada de ligeiras *floritures*, serpenteando em uma ronda aerea. Broches exquisitos e chimericos, leques de uma transparencia de aza de mosca, abrindo em um fundo casto e doce de plumas brancas, arfando como um ninho de pombas sob a vibração ardente do setim escarlate, lançado em largas pregas de uma ondulação tragica; lenços vaporosos como um floco de espuma; uma nuvem de tulle envolvendo um pequenino chapéo parisiense; um lago de pellucia granada salpicado de delicadas *fanfreluches*, accendendo-se o crystal e o nickel a golpes de luz e mordendo os finos estofos, cheios de espelhamentos.

As mãos de Aurelia demoravam-se afagando as pellucias e os velludos, fazendo-os dobrarem-se na pressão avida dos seus dedos aduncos, obrigando-os a viverem, a terem attitudes e inflexões, a pronunciarem a perfida e seductora phrase de Mephistopheles no jardim de Margarida...

A's vezes, a modista sentia subir-lhe á cabeça o philtro manipulado para embriagar os ricos. O contacto do setim exaltava-a, suggeria-lhe desejos de uma sensualidade torturante. Uma avidez de possuir, de devorar, de absorver, de monopolisar todas essas opulencias invadia-a... Salteavam-a ferozes tentações de beijar, de sorver, de dilacerar os delicados e preciosos objectos, exportados pela incomparavel industria parisiense, que o Teixeira extraia dos cartões com um respeito igual áquelle com que o sacerdote abre a custodia e extraie a particula.

E emquanto exaltava ás freguezas que vinham provar os vestidos, a superior qualidade das fazendas, accumulando exigencias de enfeites, fazendo *étalage* de rendas, de franjas, de passamantarias, mostrando figurinos, ennumerando as ultimas novidades importadas de Paris, pondo em relevo, como a palavra do oraculo, as tresloucadas phantasias dos jornaes de modas, e estimulando os appetites, multiplicando as tentações, curvando-se risonha, humilde, servilmente amavel para as senhoras que a consultavam, um surdo rancor trabalhava-a secretamente, uma sede de tudo que as outras possuiam e que ella em vão ambicionava, queimava-lhe as entranhas.

O mez de fevereiro apresentara-se tempestuoso; os dias succediam-se lamacentos, encarvoados, trepassados de humidade; ás cinco horas da tarde a noute cerrava-se e começava o degelo, chovendo torrentuosamente. O gaz estremecia, refulgindo do espesso negrume que se condensava, como uma pupilla incandescente. No asphalto, a lama estendia uma massa escura e viscosa que chapinhava, adherindo ás solas das botas. Os trens passavam, vincando o macdam, e na sombra gotejante de pingos d'agua, os mostradores das lojas do Chiado, radiosos como pequeninos tabernaculos, resaltavam violentamente, lançando na desolante melancolia das noutes de inverno o seu estridente *hallali*.

A segunda feira amanhecera chuvosa: ás 2 horas da tarde, na occasião em que caia um forte aguaceiro fustigado pelo sudoeste que varria as ruas, afugentando os transeuntes, Laura apeou-se do Ripert e entrou na loja do Teixeira, seguida pela creada, uma saloia de Loures submettida á burlesca contrafacção de senhora fina, chapéo atado por baixo do queixo e tunica apanhada em bambinella. Laura parou á porta, sacudindo o guarda chuva e esfregando os pés; em um rapido olhar, onde transluzia uma secreta preoccupação, investigou a loja. No atelier, as costureiras trabalhavam; o Teixeira, encostado ao balcão, examinava um grosso livro de capa preta, no alto das paginas do qual figuravam nomes conhecidos, escoltados da rubrica: «Deve».

Aurelia, de thesoura na mão, cortava os moldes de uma capa. Virginia, sentada em uma cadeira baixa, exilada das companheiras, acantoada em um angulo escuro, situado no fundo do atelier, tremia de frio; a agulha caia-lhe dos dedos interiçados, que procurava aquecer, bafejando-os.

Laura encheu-se de animo e caminhou direita ao Teixeira, estendendo-lhe a mão, finamente modelada em *peau de Suéde*. Teixeira ergueu a cabeça, esboçando um riso contrafeito, de uma amabilidade reservada. Justamente elle acabara de verificar a conta de Laura, onde figurava um activo de 45$000 réis. Laura queixou-se do tempo e teve uma exclamação, onde a sua voz feriu uma nota alta, dando um vivo relevo aos r r.

—Que horror! que horror de chuva!...

O Teixeira encolheu os hombros e continuou a folhear o livro. No asphalto os pingos d'agua caiam, batendo compassadamente, com o ruido monotono de um pendulo.

Laura curvou-se para uma peça de setim azul, enrolada em cima do balcão e passou-lhe a mão, acariciando-a vagamente.

—O preço do setim? perguntou, com um imperceptivel desfalecimento na voz. Teixeira teve um sobresalto. Ao ver entrar a filha do jornalista, uma esperança sorrira-lhe; quando ella lhe estendera a mão, parecera-lhe ver brilhar dinheiro. E agora, a pergunta de Laura, uma pergunta cuja inflexão elle já conhecia, disparada assim á queima roupa, partindo da attracção do setim azul, que punha um lampejo de luz etherea na atmosphera cinzenta d'esse dia enlameado e brumoso, aterrava-o.

A condessa de Alvidrar afiançara Laura. Mas o Teixeira, como um fiel burguez conservador, educado no tradicional respeito da nobreza decorativa, fallava sempre a Sua Excellencia de cabeça curva, rendido á sonora inflexão do titulo, e nunca, por caso algum, se atreveria a exigir da veneravel condessa o pagamento de uma divida.

QUE PERFEIÇÃO!...

Teixeira concentrou-se no exame do livro, simulando que não ouvira, evadindo-se á resposta, confortado pela quasi certeza de que Laura não repetiria a pergunta. Mas Laura, approximando-se, cozendo-se com o balcão, suspensa do extasis do setim que os seus olhos devoravam, levantou a voz.

—O preço do setim azul? fez deliberadamente.

Então o Teixeira recorreu a um expediente, que se lhe afigurou infalivel. A pobreza da filha do jornalista-burocrata era natural que recuasse diante de preços exorbitantes; impassivel, insondavel na sua cara de commerciante experimentado, endurecido nos conta tos do balcão, Teixeira pediu pelo setim o dobro do que elle custava.

Suzana ouvira e caida no hombro de Josepha ria como uma perdida.

Um coupé parou á porta da loja, apeou-se uma mulher baixa e gorda, offegante nas pelles que lhe cingiam o pescoço, apertando-lhe a carne tufada, oscillando em tres rofegos pendentes. Era a esposa do conselheiro Fructuoso; vinha pagar a conta de um vestido de baile. Bruscamente, Teixeira fechou o livro. Um sorriso dilatou-lhe a cara trigueira, encaixilhada no cabello lustroso. As libras, escoando-se no seu brilho fulvo do *porte-monnaie* da conselheira, rolaram no balcão, ferindo um som metallico. Teixeira foi buscar uma cadeira, perguntou pela saude de Sua Excellencia o sr. conselheiro, mandou o Augusto correr a vidraça. A chuva redobrara; o céo baixo e nevoento parecia descer cada vez mais, confundindo-se com a superficie escura das ruas afogadas em lama; o vento, soprando inpetuosamente da barra, esfarrapava as nuvens; caiam grossas bategas d'agua que penetrava nas lojas, fustigando as paredes com a força de varetas atiradas em diagonal.

A Fructuoso, muito quente na sua capa estofada, guarnecida de pelles, assentara-se, e, distrahidamente, olhava para a rua onde os vendedores passavam, sacudidos da refrega, esfumando-se na tonalidade desolada da atmosphera como um brusco galope de fantasmas. Uma molleza invadira as costureiras, entorpecidas na humidade cinzenta do fundo da loja. Aurelia cortava, absorta em calculos mathematicos. A protecção da condessa de Alvidrar surtira o melhor effeito. O commendador Martinho da Cunha, de antemão prevenido, influenciado pela autorisada opinião da condessa, instigado pelas suggestões do titulo, respondera affirmativamente ao pedido matrimonial do barão do Olmeiro. Gabriella, consultada, encolhera os hombros: com a indolencia do seu temperamento de angora, enroscada na rede, dissera que faria o que o pae quizesse. Fixara-se já o dia do casamento. Os jornaes tinham dado noticia, precedida de adjectivos aparatosos. Aurelia sommava pelos dedos os dias que faltavam, fazia contas de cabeça. Mandaria vir os modelos directamente de Paris, fornecer-se-hia do Printemps. Pagaria com dinheiro á vista e adquiriria assim os saldos da estação, que venderia depois pelo quadruplo.

Já trazia de olho um bonito primeiro andar na Rua larga de S. Roque. Concentrada na sua idéa fixa, o olhar abstracto, a bôca de beiços estreitos e descorados contraida por um sorriso, Aurelia via-se já á frente de uma grande casa de modas, povoada de um batalhão de costureiras, concorrida por uma freguezia selecta onde figurariam baronezas e condessas, saindo das carruagens que paravam á porta com estrepito. A posse de um vasto e elegante atelier, guarnecido de amplos armarios de vidro e moveis estofados, expressamente encommendados, com uma vistosa taboleta de espelhamentos crystalinos, onde sobresairia em caracteres doirados a sua firma commercial, deveria eleval-a a uma posição independente, a uma posição respeitavel, em que viriam fallar-lhe de chapeu na mão, pedir-lhe favores, adulal-a, sollicitar as suas boas graças para a espera de uma conta, para a cedencia de um vestido pago a prestações. Então ella vingar-se-hia, teria phrases soberbamente desdenhosas, negativas asperas, recusas terminantes, humilhando sem contemplação muitas que a tinham humilhado, vingando-se afinal dos longos e interminaveis annos de escravidão em que trabalhara como uma negra, perdendo as noutes, esfalfando-se, rasgando os dedos, gastando a mocidade, tudo para *as outras*, as ricas, a canalha do mulherio ocioso, que figurava á custa do seu trabalho, apparentando elegancias postiças feitas de algodão em rama, voltando a cara quando a encontravam na rua, envergonhando-se de a cumprimentarem, a ella, que lhe conhecia os podres!

Na loja, a Fructuoso fallava pausadamente, descendo a prolixidades na analyse da conta que o Teixeira apresentara, não sem ter previamente declarado que não tinha pressa, que Sua Excellencia fizera mal expondo a sua preciosa saude, que Sua Excellencia poderia ter-se poupado a esse incommodo. De repente, a esposa do conselheiro lembrou que seria conveniente comprar mais dois metros de setim azul, o mesmo que estava em cima do balcão.

—As modas estão sempre a variar, fez com a voz sibilante de asthma; todas as estações trazem *um ror* de feitios differentes. E' bom estar prevenida de sobrecellente.

Teixeira approvou, fitando, compenetrado, as libras espalhadas no balcão.

(*Conclue*). GUIOMAR TORREZÃO.

CONTOS DA RUA

Dois tostões

Tinham accendido o gaz havia pouco, e do poente vinha ainda uma claridade vaga bater no alto da parede da egreja, onde pendiam immoveis grandes cartazes mettidos em caixilhos escuros.

A luz da esquina projectava-se até meio da calçada, luctando com os ultimos clarões do crepusculo.

Chovera de tarde.

Os passeios humidos tinham brilhos rapidos, que lembravam estilhaços de vidro, e ao centro da rua presentia-se a lama escorregadia, com sulcos negros de rodas e pégadas fundas.

Eram seis horas.

Em cima pairavam, aqui e ali, farrapos isolados de nuvens acinzentadas, destacando plenamente no azul carregado, onde appareciam já algumas estrellas inquietas.

Sentia-se um frio agudo, cortante, do norte. A temperatura descera quasi de repente.

A cada passo cruzavam-se mulheres de chapeu, embrulhadas em capas amplas; homens apressados seguiam ao longo dos predios, casacos justos, mãos nos bolsos; momento a momento viase scintillar o verniz dos *coupés* que passavam na facha de luz dos candieiros, deixando perceber, lá dentro, atravez dos vidros, vultos indistinctos, recostados.

A' porta d'uma loja uma taboleta annunciava o *andar da roda* para o dia seguinte, e alguns homens mal trajados giravam nas immediações de S. Roque, mostrando numeros diversos, apregoando cautellas, com voz persuasiva, impertinente.

—O 4:384! quem quer o 4:384? Vá, que é a ultima de seis! Quem quer uma de seis?

E mettiam á cara as cautellas:

E' o 4:384... Aqui está, freguez... A'manhã anda a roda.

Seguiam ao lado, prophetisando os seis contos; depois voltavam, sempre gritando ao longe: «E' a ultima! Aqui está a ultima de doze! é o 325! amanhã anda a r...»

Mais adiante, junto ao passeio, uma mulher de edade pedia esmola no vão d'uma porta; de vez em quando assomavam á calçada da Gloria pessoas vagarosas, fatigadas da subida, respirando alto: paravam um instante a tomar fôlego, e seguiam rua acima, ou cortavam para a travessa.

Ouvia-se ao longe o estalar d'um chicote: subia a rua larga de S. Roque um carro do Rato. Vinha cheio.

—Mariola! desavergonhado! estragador!

—Vae-te embora, mulher! Vae-te embora...

—Grande devasso!

—Não me sigas, já te disse! Olha que...

E voltou a esquina, cambaleando. Ia embriagado. Era um homem baixo, de hombros largos, barba negra e bocca rasgada. A mulher seguia-o sempre.

Quando chegou á grade da egreja voltou-se irado, ameaçador, e levantou o braço para lhe bater; mas conteve-se. Alguns homens paravam para ver a altercação. Ia passando o Ripert: na plataforma debruçavam-se, olhando. Elle então baixou a aba do chapeu e cortou para o lado opposto; mas voltou logo, cerrando os punhos.

—Oh! mulher do inferno! tira-te da minha vista!

—Não e não! Dê-me dinheiro, que tenho fome! Em casa nem um pedaço de pão, e você lá por baixo a emborrachar-se!

—Não me tentes, diabo! não me tentes, que te desfaço... Oh! *seu* policia! Espera que eu te arranjo...

E voltou-se com arreganho: mas ninguem acudio, e a mulher, toda medrosa, voltou para traz, seguindo ao longo do passeio, rente da parede, quasi na sombra.

A' porta da tabacaria *Capricho* havia um grupo, esperando: sobre um pé de cortiça espetavam-se camelias vermelhas e ramos pequenos de violetas: lá dentro, calculadamente inclinadas para a rua, penduravam-se, oleographias vistosas.

Quando a mulher se aproximou olharam todos com curiosidade.

Teria 25 annos: era magra e pallida, olhos azues, fundos, cabello meio desmanchado; trazia um vestido escuro, rôto; pela mão um pequenito descalço, que se lhe agarrava á saia, tremendo com frio.

Ao passar em frente do estanco, voltou a cara: ia chorando.

—Anda, filho. Vamos pedir um pão fiado á tia Joanna...

Tinha-se juntado mais gente, indagando, e os do grupo ficaram commentando o caso.

—Que foi aquillo, ó Alberto?

—Ora! nada: bebedeiras! A patifa da mulher que não queria largar o marido. O que os homens aturam!

—Que bom chicote!

—Mas afinal?...

—Olha, deixemo-nos de coisas tristes e vamos ali ao Tavares...

—Espera... esperem aqui...

E um d'elles largou a correr em seguimento da mulher, que voltára para a travessa da Boa-Hora.

Encontrou-a a meio da travessa. O pequeno ia chorando ao collo da mãe.

—Não chores, filho. Agora vamos comprar pão e depois vaes dormir na tua caminha, sim? Não chores, não? Olha... olha aquella estrella, vês, além? que bonita, vês?

O rapaz adiantou-se, e ao passar junto d'ella, apertou-lhe a mão: tinha-lhe dado uma esmola.

—Ai! meu rico senhor! Deus lh'o pague por este anjinho...

E quiz ajoelhar, beijando-lhe a mão, a soluçar, muito commovida.

Alguns curiosos paravam a distancia, surprehendidos, na meia escuridão da travessa: o rapaz, envergonhado, oppunha-se:

—Está doida, mulher!? levante-se... Ora essa!

Obrigou-a a erguer-se, e muito apressado, como se tivesse praticado alguma acção má, levantou a gola do sobretudo e foi reunir-se aos outros que tinham vindo á esquina.

Vinha vermelho.

—Então, que diabo de scena foi aquella?

—Vamos, vamo-nos embora... já conto...

E mettendo o braço a um d'elles, arrastou-os para o café da rua larga de S. Roque

—Bem: conta lá agora essa historia.

—Oiçam...

Tinha um rir contrafeito...

Um velho, que estava á porta do café, ao ouvir a conversa, fez um gesto de repulsão e affastou-se do grupo, indignado, ao passo que elles riam ás gargalhadas, perdidamente...

. . . .

O rapaz déra de esmola dois tostões falsos.

LOBJÓ TAVARES.

NO BANHO

Vel-a banhar-se agora
Nas aguas crystalinas,
Seguir-lhe as curvas finas,
E' scena encantadora!

A doce e bella aurora,
Raiando nas collinas,
Parece que lhe adora
As fórmas peregrinas!

Que corpo branco e lindo!
A rola enamorada,
Ao vêl-a disse, rindo:

—«Que estatua delicada!»
O sol ia subindo...
Sorria a madrugada!

JOÃO SARAIVA.

IDYLLIO...

Semelhante a uma andorinha, que estende as azas ao voar pelo azul do ceu, deslisava pelas aguas d'um lago crystalino uma gentil pequenina barca, toda ornada de flôres, e fluctuantes as vellas, muito alvas, tão alvas como a neve ..

Formosas colchas de damasco matisado de pedrarias lhe serviam de tapete, e elevava-se d'ella um aroma tão suave, uma fragrancia tão doce, que parecia uma d'aquellas voluptuosas vivendas orientaes, onde, segundo a tradição, habitavam as fadas.

Caminhando ao agrado d'uma brisa ligeira, que soprava brandamente do norte, conduzia no seu seio dois amantes felizes, que iam procurar aventuras n'aquellas vastas solidões...

Ella, uma creança de longas madeixas loiras, muito loiras, que lhe cahiam em caprichosos anneis pelo côllo alabastrino, apertava docemente as mãos d'elle, que, d'espaço a espaço, como para lhe retribuir as caricias, lhe poisava os labios na fronte perfumada...

Ao longe ouvia-se o cantar das sereias. O marulhar das ondas longiquas do oceano punha em tudo uma nota melancholica.

A barquinha deslisava sempre pelo lago crystalino, conduzindo a seu bordo a creança loira, muito loira e pallida...

*
* *

Veiu a noite, e fizera-se com ella um silencio profundo.

Lá no alto, como um manto de velludo azul recamado de perolas, estendia-se a immensidade limpida e serena; o sol cedera o seu logar, no espaço, á rainha da noite, e esta, como um enorme facho de crystal, caminhava por entre as estrellas, que, tremendo, pareciam curvar-se para comprimental-a...

. A barquinha vogava sempre, e a creança muito loira dormia agora, reclinada no braço do seu amante. A sua pallida fronte, na qual batiam em cheio os desmaiados raios do luar, tinha uma expressão tão ingenua e tão attractiva!...

O seu olhar meigo e puro, parecia exprimir um amor immenso, indefinivel!

Elle tinha retratada no rosto toda a felicidade que lhe ia n'alma. Muito formoso, com os seus cabellos longos e fluctuantes, parecia, no seu poetico perfil esbatido nas aguas limpidas do lago, um d'esses pastores napolitanos que vemos nos quadros.

E o sol, caminhando a rir na immensidade, aproximava a hora em que se devia sumir nas profundezas do oceano! Um gigante ia receber no seu seio outro gigante! E o mar, orgulhoso por ver curvar-se diante de si o rei do dia, acalmára a sua ferocidade: as ondas, rolando em montões de espuma pelos recifes solitarios, elevavam até á amplidão uma harmonia profunda!

Entretanto, o horisonte tingia-se d'uma purpura côr de fogo, e o seu reflexo avermelhado doirava as madeixas loiras d'aquella creança muito pallida, formando-lhe em torno da fronte um diadema auri-fulgente, e assemelhando-a a uma *madonna* de Raphael...

Ella, adormecida, com as mãosinhas de neve enlaçadas nas d'elle, sorria como se sonhasse, e o seu rosto encantador parecia uma estrella, que, desprendendo-se do infinito, viera rolando, rolando, até á gentil barquinha!

Em torno tudo estava tranquillo e deserto; já não se ouvia o canto das sereias, e a natureza parecia adormecida. Tudo emmudecera. Apenas se sentia o ciciar da brisa, que bafejava os dois rostos perfumados...

A barca, distinguindo-se como um ponto negro nas aguas tranparentes do lago, não cessara de deslisar...

*
* *

No ceu caminhava a lua, magestosa como uma rainha, e os seus raios argenteos cahiam, vindo pratear as madeixas d'aquella creança loira, muito loira e pallida...

Porto. M. OSORIO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PONTE DE SANT'ANNA

A ponte de Sant'Anna é uma das obras d'arte mais notaveis que já hoje se admiram na linha do caminho de ferro em construcção entre Lisboa e a formosa Cintra. Foi levantada proximo da capella da Senhora de Sant'Anna, junto aos Arcos das Aguas Livres. Atravessa a Ribeira d'Alcantara n'um dos pontos mais pittorescos.

Mede de comprimento 150 metros e está assente sobre 4 pilares.

O taboleiro metalico foi construido pela casa Eiffel, de Paris, e isso basta para ajuizar da sua perfeição.

MERCAE!

A gravura que hoje damos é reproducção de um bonito quadro de Piot, apresentado na exposição de Paris, em 1879.

O assumpto nada tem de extraordinario.

Uma rapariga de origem italiana, morena, de cabellos crestados pelos raios ardentes do sol, de olhos negros e brilhantes, sustenta sobre os joelhos um cesto de fructas.

Ahi está uma composição que não devia ter fatigado muito a imaginação do pintor, mas que, basta vel-a, para que nos prenda immediatamente a attenção.

O sorriso da creança é engraçadissimo; o seu olhar attrae-nos, e a bocca parece que nos está dizendo:—Mercae! Mercae!

O homem de coração mais duro não passaria junto d'ella sem lhe comprar um pecego ou um cacho d'uvas, nem poderia resistir sem lhe gabar a graça e a gentileza do porte.

QUE PERFEIÇÃO!...

Santo e louvavel orgulho o d'aquella gentil creatura, radiante de jubilos castissimos, que se revê, ditosa e contente, no primeiro fructo do seu amor!

PONTE SOBRE UMA CACHOEIRA NO RIO AMAZONAS

Justificada vaidade, a que ella sente, vendo-se mãe de uma criancinha encantadora, cuja robustez sadia foi haurida dos seios maternaes!

—Que perfeição! exclama a formosa mulher, por entre sorrisos de intima alegria não disfarçada, erguendo do berço, onde o acalentára com ternissimas canções repassadas de affecto, o filhinho estremecido, e mostrando-o orgulhosa ao pae, talvez, para quem elle estende os braços, contente e irrequieto, balbuciando um monosyllabo inintelligivel.

E que perfeição, com effeito!... Como n'aquelle rostosinho feiticeiro transparecem as tintas denunciadoras de uma saude plenissima! Como se evidenceia, nas bellas linhas d'aquelle corpo adoravel, opulento de carnes rosadas e mimosas, a robustez bebida com o leite materno, limpo do virus lethal que gera a anemia!

O peior é que, perfeições como estas, só se admiram, as mais das vezes, na téla, esplendidas do colorido e da vida que o artista lhes imprime.

PONTE SOBRE UMA CACHOEIRA NO RIO AMAZONAS

Representa a nossa gravura uma ponte, construida de troncos d'arvores, sobre uma cachoeira do rio Madeira, affluente do Amazonas.

Apesar do imperfeito da construcção, os carregadores atravessam a tosca ponte com uma agilidade incrivel, levando muitas vezes sobre os hombros pezos consideraveis.

Como se sabe, o Amazonas tem a sua origem nos Andes, atravessa de Oeste a Este a America meridional e desagúa no Oceano Atlantico. O seu curso é de 7.500 kilometros, dos quaes mais de 6 000 são navegaveis.

AS PRIMEIRAS LIÇÕES

E' velho e já gasto o assumpto que inspirou o author d'este quadro, mas nem por isso deixa de ser attrahente e sympathico.

Uma boa mãe, desvelada e terna, ensina as primeiras lettras aos dois filhinhos, loiros e rosados como anjos.

São aquellas, por sem duvida, as lições que lhes deixam mais grata lembrança no espirito.

Felizes dos que tiveram, como os dois pequenos da gravura, uma ensinadora tão solicita e carinhosa, a guial-os na aprendizagem do a b c!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Custa muito dinheiro este homem e mais este—2—2.
Na egreja, esta mulher é uma planta do Canadá—2—2.
A favor, este verbo é verbo—1—2.
Appellido, fluido e insecto—1—1.

ALBERTO D'AZEVEDO.

E' immenso este appellido e este instrumento—1—2.
Este rochedo suspende no mar—2—1.
Está na musica, aqui e na musica esta mensagem—1—1—1.

Loulé. BRANDEIRO.

No homem aperta e corre este nome—1—1—2.
Este instrumento na musica é arvore—1—1.

Cartaxo. O. S.

CHARADA ENIGMATICA

a a a a a
r t z n b

Formar, com estas cinco vogaes e cinco consoantes, uma palavra composta de cinco syllabas com duas letras cada uma, cujo significado seja:

Longo canudo por onde se sopram armas mortiferas

Oeiras. AUGUSTO J. N. SANTOS.

Carta enigmatica

Amigo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Participo-te que cheguei bom e encontrei a 4, 6, 2, 3, 2 de saude. A'manhã vou passear até 2, 3, 1, 2, 1. 2, 3, e vae tambem a 4, 5, 4, 7, 6, 7, 2 o que custa a 4, 3, 5, 3. Vê se appareces, porque podes 4, 9, 1, 5, 3 um bocado de 4, 3, 5, 1, 5, que está 3, 7, 4, 9.

Teu amigo

4, 2, 3, 1, 5, 6, 7, 8, 9

ALBERTO D'AZEVEDO.

Enigmas

De sete irmãs que nós somos
Se uma souber escolher,
A prima parte do todo
De certo logo ha de ter.

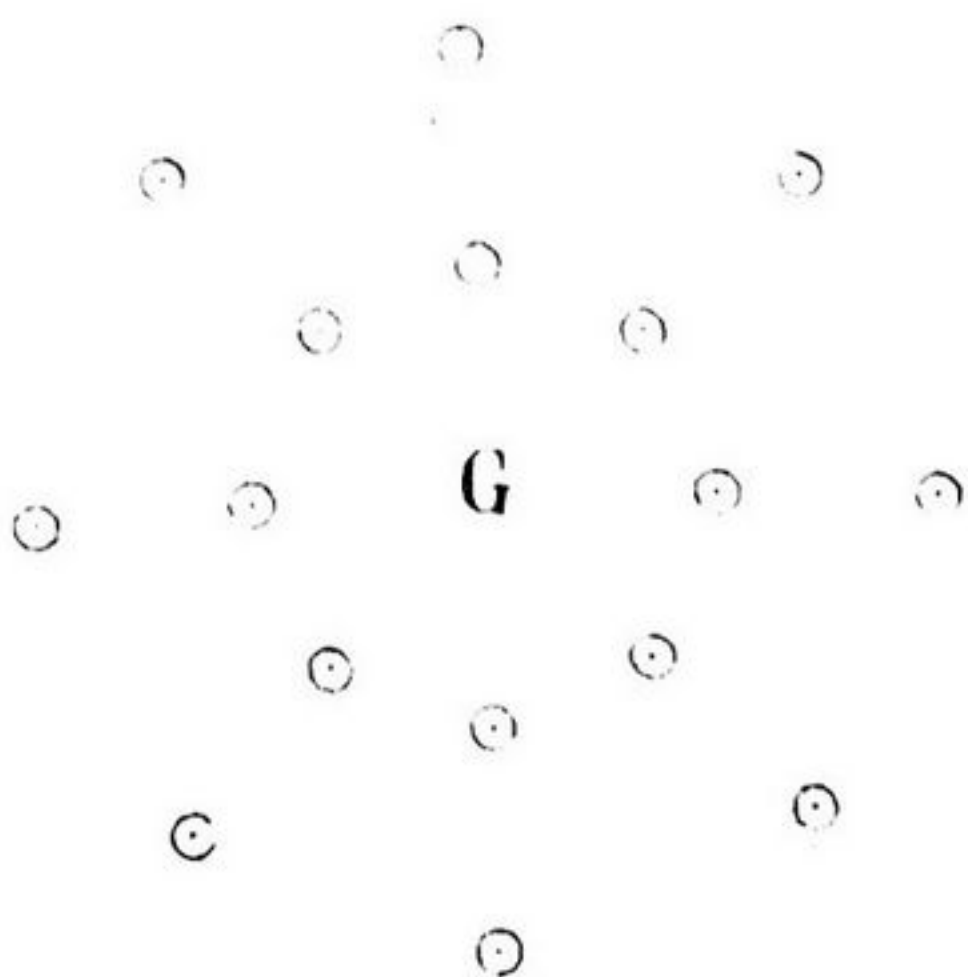
Mas se, d'estas sete irmãs,
Outra quizer procurar,
Segunda parte do todo
Deverá logo encontrar.

Cuidado, não me procure
Ahi algum paradigma;
Mas procure outra das sete,
Para eu fechar o enigma;

E, juntando estas tres partes,
Que vão um todo fazer,
Fica pertencendo ás sete,
Sem nenhuma d'ellas ser.

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

ENIGMA GEOGRAPHICO

G

Formar um rio da Asia, um da America e um da Africa, e uma cidade da Africa.

D. BIBAS.

Logogriphos

(Por lettras)

(DUPLO)

8—3—7—9—6—8—9—Verbo—8—6—1—5—6—8—9
6—5—3—2—8—9—Verbo—3—5—6—4—8—9
4—7—6—8—9—Verbo—1—7—6—8—9
3—5—8—9—Verbo—5—3—8—9
1—7—9—Verbo—6—2—9
5—6—8—9—Verbo—1—5—8—9
6—5—3—8—9—Verbo—3—5—6—8—9
8—1—5—3—8—9—Verbo—8—4—6—5—8—9
7—6—9—2—4—8—9—Verbo—4—2—6—7—4—8—9

Verbo

Perseguindo este animal,—1—6—8—1—5
Em uma egreja encontrei—4—5—1—3—5—3—7—2
Um vegetal, que guardei,—5—3—7—4—5—6—8
Do qual deixei um signal.—3—7—4—1—8.

Decifrar não é custoso
Um logogripho tão claro,
Por isso, só vos declaro
Que é ladrão bem perigoso.

MATHEUS JUNIOR.

Insecto—6, 3, 6, 7, 2, 6
Marisco—11, 5, 8, 3, 6
Animal—2, 4, 9, 7, 6
Ave—1, 4, 5, 7, 9
Peixe—1, 2, 11, 1, 11
Jogo—1, 6, 7, 6, 5, 8, 3, 6
Instrumento—1, 4, 8, 2, 6, 3, 6
Navio—2, 4, 6, 8, 9
Arvore—1, 2, 11, 3, 6, 11
Planta—1, 11, 9, 7, 8, 3, 11
Arbusto—8, 2, 4, 10, 11
Fructo—8, 6, 10, 6, 3, 6
Flôr—1, 6, 1, 2, 4, 6

Flôr.

Pontevel. JOAQUIM CHAGAS.

Problema

As pedras que cobrem um pateo quadrado, cobrem tambem um espaço rectangular, que tem 6 metros a mais em comprimento, e 4 a menos em largura. Qual é a superficie do pateo?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Voador—Canario—Avelã—Escravo—Poeira—Careca—Regato—Valdez—Girafa—Felismina.
DA CHARADA EM LOSANGO:

a
ara
armia
armenia
ainda
aia
a

DOS LOGOGRIPHOS:—Almirantado—O charadista A. Meruje—Akermann.
DOS ENIGMAS:—Camillo Castello Branco—Camões.
DO PROBLEMA:—Duas moedas e meia.

A RIR

Dois recemcasados inglezes viajam em diligencia, e entabolam o seguinte dialogo:
—Estás bem, *milady?*
—*Yes.*
—Não te incommodam, n'esse logar, os solavancos do carro?
—*No.*
—E frio? Não sentes ahi?
—*No.*
—Então deixa-me ir para o teu logar, e vem tu para este.

*

No gremio
—E' verdade; o que é feito de tua sogra? Estava muito mal, na ultima vez que a vi!
—Ah! meu amigo! Empreguei todos os meios para me ver livre d'ella, mas debalde! Chamei cinco medicos, e resistiu a todos elles! Vê tu que tempera aquella!

*

Uma senhora, abandonada ha seis annos pelo marido, chora a sua desgraça nos braços de uma amiga intima.
—Vamos, filha,—diz-lhe esta,—consola-te, porque, emfim, viste-te livre d'um homem que te maltratava.
—E' verdade; mas se Deus me fizer mãe, a quem darão meus filhos o doce nome de pae?

UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO CONTRA A TOSSE

Basta collocar 50 grammas de glycerina em uma capsula de porcelana, e evaporal-as por meio d'uma lampada d'alcohol. Estas vaporisações são magnificas nas bronchites com tosses rebeldes e na tisica pulmonar.
Empregando a glycerina phenicada, obteem-se vapores antisepticos muito recommendaveis hoje no tratamento da coqueluche e sobre tudo do garrotilho.

O ESPIRITO SANTO NOS AÇORES

(CONTOS POPULARES)

I

A mudança

A quadra que atravessamos, é denominada nos Açores—o tempo do Espirito Santo. São as sete semanas gordas da faiscante e sã alegria popular, depois das sete semanas magras da quaresma, obrigadas a bacalhau com azeite e vinagre, olhos no chão e sermões fundibularios em todos os pulpitos, onde os demonios, o peccado, o *roast-beef* e o ultimo livro de Renan, são espancados a golpes de rhetorica sacra, em tiradas cavernosas como uma cathedral medieval, ao som de atroantes pitadas de meio-grosso, enfiadas com valentia nas narinas sacerdotaes.

Se ha alegria doudejante na terra, não quero que haja outra mais espumante de pueril encanto, do que a famosa temporada da Divina Pomba, nas ilhas açoricas.

A eterna primavera açoriana offerece as suas pompas de verdura, os calices perfumados das flores, o azul transparente dos ceus, e as soberbas paizagens dos valles, para scenario d'estas festas de uma originalidade pagã.

Ainda se ouve os ultimos repiques da alleluia, estrugindo no alto dos campanarios, e já começa a sagrada folia do Espirito Santo, no domingo de Paschoa, a que se chama—a primeira dominga. Seguem-se assim *sete domingas* até á Trindade.

Em cada rua das mais ricas ou populares, ha um imperio, um imperador e um mordomo. As insignias d'este imperio espiritual consistem n'uma grande bandeira feita de um largo panno de metro e meio, quadrado, de damasco de seda, vermelho, rodeado de espiguilha dourada. No centro do panno, uma pomba de seda branca estofada, com os pesinhos, o bico e as azas gentilmente bordadas a ouro. A haste, da altura de dois metros, é de prata ou madeira envernizada, conforme o cofre da fazenda imperial. No tope ha outra pomba branca de madeira ou prata, com as azas abertas, poisada sôbre uma multidão de laços de todas as côres do iris, pendendo as pontas compridas e fluctuantes á mercê da brisa.

AS PRIMEIRAS LIÇÕES

A bandeira é guardada de um para outro anno em casa do mordomo. Além d'esta insignia, ha ainda uma corôa e sceptro de prata lavrada.

O cargo de mordomo é tirado á sorte todos os annos. São egualmente tirados á sorte os nomes de sete individuos para casa dos quaes passa a bandeira simplesmente, de oito em oito dias, dentro do periodo de sete semanas que vae da Paschoa á Trindade. Chama-se a isto, na phraseologia local—uma mudança. A mudança é feita no domingo á noite, com grande apparato procissional, musica e foguetorio. Todos os convidados caminham em duas alas, com tochas accesas, no meio de um silencio religioso, graves e imponentes. No couce do prestito, vem a bandeira erguida a prumo como um pendão, conduzida por uma creança elegantemente vestida e enluvada, ladeada por outras creanças. Todas em cabello. Cada um dos pequerruchos que ladeiam o que leva a bandeira, pega n'uma ponta do panno, de modo a expol-o bem em triangulo, aos olhos da multidão, destacando-se violentamente a côr vermelha e a pomba branca bordada a ouro.

O cidadão de casa de quem sae a mudança, colloca-se por detraz da creança que segura a bandeira, auxiliando-a.

A bandeira demora-se uma semana em casa do individuo que teve a dita de lhe caber uma dominga, e sae no domingo seguinte, com a mesma pompa para casa d'outro feliz.

Na casa onde está presente, n'um throno todo illuminado e florido, a bandeira do—Divino Senhor Espirito Santo, como elles dizem, ha bailarico rasgado até madrugada, libações freneticas de vinho d'uva de cheiro, da terra, e massa cevada.

Não julguem os delicados alfacinhas, que esta massa cevada, é por ahi qualquer peste. São biscoitos enormes (argolas, lhe chamam) que se enfiam no braço e que teem exatamente a configuração das enormes corôas de perpetuas que se usam nos actos funebres entre nós. Ha biscoito d'aquelles, que tem o tamanho da roda de uma carruagem e a grossura de uma perna. Cada *alqueire* de finissima farinha de trigo, amassada a primor pelos vigorosos braços das cachôpas, leva leite quanto a farinha consinta, manteiga de vacca aos kilos e ovos ás duzias. Fica o bolo ou argola, ao sair do forno com codea de um louro torrado brilhante, capaz de tentar um eremita, o miolo amarello e favado, que nem os celebres bolos de cannela das confeitarias lisbonenses lhe chegam. E' comer e chorar por mais, meus caros leitores. A massa conserva-se fresca e odorifera que é um regalo, durante semanas.

E' de rigor, cravar na argola algumas rosas ou cravos, quando ella é destinada a offertas. Estas offertas, não pensem que são conduzidas por um moço de fretes de esquina. Nada d'isso. Vão á cabeça, em taboleiros com bellas toalhas brancas de rendas, indo o biscoito a descoberto. Homens bem vestidos conduzem estas offertas. Na frente d'elles, tres foliões abrem o prestito. Um numero infinito de garotos acompanha enthusiasticamente.

Ha foliões pequenos e foliões grandes. Os pequenos são da cidade, os grandes da aldeia. N'outro artigo descreverei os foliões das diversas nuances. Agora direi sómente que, na cidade, é usada a folia pequena. São tres rapazes de quatorze a dezoito annos, vestidos fantasticamente de capa, calção e polainas, tudo de côres vivas, ogaloado a ouro, no estylo dos principes das operas-buffas de Offembach. O folião do centro leva uma pequena bandeira vermelha de seda, desfraldada, em tudo semelhante á riquissima bandeira do imperio. Os seus dois collegas, tangem um, um tambor pequeno, o outro, pandeiretas. E cantam! Ai como elles cantam! Heide contar isso com mais vagar—n'outro artigo.

Maio, 1886.

José Maria da Costa.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa